

## Índice

Nota da Autora		13
PRÓLOGO: Uma Disputa pelo Trono		15
	I	
1	Direito Divino	39
2	Uma Missão Civilizadora	63
3	O Centro Nevralgico	93
4	Sonhos de Modernidade	108
5	A Escala da Ambição	140
	II	
6	Ascensão	165
7	Ciência Cativa	184
8	Alvorada do Comércio	202
9	Capitalismo de Desastre	217
	III	
10	Deuses e Demónios	255
11	O Auge	287
12	Terra Saqueada	303
13	Os Dois Profetas	335
14	Libertação	361
	IV	
15	A Jogada	379
16	Drama e Intriga	397

17 Acerto de Contas	414
18 Uma Fórmula para o Império	438
EPÍLOGO: Para a Queda do Império	448
Posfácio à Edição em <i>Paperback</i>	462
Agradecimentos	465
Notas	471

## PRÓLOGO

### Uma Disputa pelo Trono

Em 17 de novembro de 2023, uma sexta-feira, por volta do meio-dia (fuso horário do Pacífico), Sam Altman — CEO da OpenAI, menino de ouro de Silicon Valley e avatar da revolução da IA generativa —, acedeu ao Google Meet, onde enfrentou os rostos sérios de quatro dos cinco membros do conselho de administração.

Do seu quadradinho no ecrã, Ilya Sutskever, cientista-principal da OpenAI, foi breve: Tratava-se do despedimento de Altman. O anúncio público iria ser feito daí a pouco.

Altman encontrava-se no seu quarto num luxuoso hotel de Las Vegas, onde fora assistir à primeira corrida de Fórmula 1 realizada naquela cidade ao fim de muitos anos, um evento marcado pela presença de inúmeras estrelas e convidados, entre os quais figuras como Rihanna e David Beckham. A viagem era para ser uma folga breve em meio à extenuante agenda que vinha mantendo desde que, cerca de um ano antes, a empresa lançara o ChatGPT. Naquele momento, ficou tão atordoado que nem conseguiu falar. Desviou o olhar enquanto procurava recompor-se. Com o seguimento da conversa, e como era do seu temperamento, procurou amenizar a situação.

“Que posso fazer para ajudar?”<sup>1</sup>, indagou.

Foi-lhe dito pelo conselho que desse o seu apoio a Mira Murati, até então responsável, sob as ordens dele, pela área de tecnologia, e que fora escolhida para ocupar interinamente o lugar de CEO. Ainda aturdido e a pensar se tudo não passava de um pesadelo, Altman anuiu.<sup>2</sup>

Passados alguns minutos, Sutskever enviou outro link do Google Meet a Greg Brockman, diretor-executivo da OpenAI e aliado próximo

de Altman, que tinha sido o único membro do conselho a não estar presente na reunião anterior. Sutskever informou Brockman que iria deixar de pertencer ao conselho de administração, embora mantivesse o papel que tinha na empresa.

O anúncio público foi feito pouco depois. “A saída do Sr. Altman decorre de um processo deliberativo por parte do conselho, que concluiu que ele não foi sempre sincero na comunicação com o conselho, o que diminuiu a capacidade de exercer as suas responsabilidades. O conselho deixou de confiar na capacidade do Sr. Altman para continuar à frente da OpenAI.”<sup>3</sup>

À primeira vista, a OpenAI atingira o apogeu do seu poderio. Desde o lançamento, em novembro de 2022, do ChatGPT, que se havia tornado a mais espetacular história de sucesso de Silicon Valley. O ChatGPT foi a aplicação de consumo com o crescimento mais rápido da história. A avaliação desta startup conhecia então uma ascensão meteórica, que fazia os investidores salivarem e atraía os melhores talentos. Escassas semanas antes, tinha sido avaliada em até 90 mil milhões de dólares, no âmbito de uma oferta de aquisição que permitiria aos empregados vender as suas ações a investidores ansiosos por concretizarem o negócio. Poucos dias antes, realizara um evento, também muito aguardado e amplamente festejado, destinado a lançar a sua gama de produtos mais agressiva.

Na perspetiva da pessoa comum, Altman era o homem a quem tudo aquilo se devia. Passara a primavera e o verão a viajar pelo mundo, atingindo um patamar de fama que levava os grandes meios de comunicação a compará-lo a Taylor Swift. Com a sua estatura pequena e discreta, afirmações ousadas e aparente franqueza, deixava uma funda impressão em quase toda a gente.

Antes de estar em Las Vegas, tinha andado mais uma vez a correr mundo, participando numa mesa-redonda na cimeira de CEOs da APEC (Cimeira Económica Ásia-Pacífico) e proferindo as suas palestras, habitualmente de efeito magnetizante.

“Porque é que dedica a sua vida a este trabalho?”, quis saber Laurene Powell Jobs, a viúva de Steve Jobs, que é também fundadora e diretora-executiva da Emerson Collective.

“Creio que esta será a tecnologia mais transformadora e mais benéfica que a humanidade já inventou”, disse ele. “Já foram quatro as vezes, na história da OpenAI — a mais recente delas ocorrida nas duas últimas semanas — em que sucedeu eu estar presente no momento em

que fizemos cair o véu da ignorância para empurrar a fronteira do descobrimento, e digamos que poder fazê-lo é, a nível profissional, a coroa de glória de uma vida.”

Em choque, os empregados souberam do despedimento de Altman da mesma forma que o resto das pessoas, à medida que o link para o anúncio público ia sendo reencaminhado de telemóvel em telemóvel, percorrendo toda a empresa.<sup>4</sup> O que mais espanto causava era o abismo que havia entre a notícia em si mesma e a brilhante reputação de Altman. Por essa altura, o pessoal da empresa já se aproximava das oito centenas, pelo que eram menos as oportunidades de conhecerem e interagirem pessoalmente com o CEO. Mas o seu modo cativante nos palcos mundiais não era diferente do modo que exibia durante as reuniões plenárias, nos eventos oficiais da empresa e, quando não andava em viagem, nos gabinetes.

Já com a máquina dos boatos a debitar num ritmo frenético e os empregados a percorrerem ansiosamente o X, antigo Twitter, à cata de mais algum bocado de informação, alguém na sede atirou aquela que considerava ser a explicação mais lógica, gritando: “Altman vai candidatar-se à presidência!” Foi, assim, aliviada momentaneamente a tensão, até as pessoas perceberem que não era disso que se tratava e logo recomeçarem a especular, com redobrada intensidade e temor. Os empregados perguntavam-se se Altman teria feito alguma coisa de ilegal. Alguma coisa relacionada com a irmã, talvez? Em tweets que um mês antes se haviam tornado virais, alegara que o irmão tinha abusado dela. Talvez não se tratasse — especulavam ainda — de nada ilegal, mas sim alguma coisa eticamente imprópria, talvez relacionada com outros investimentos feitos por Altman ou com a angariação de fundos que estava a levar a cabo junto de investidores sauditas com vista a um novo projeto envolvendo chips.

Sutskever publicou um anúncio na plataforma Slack da OpenAI. Daí a duas horas iria fazer um plenário virtual para responder às perguntas dos empregados. Segundo um deles, “Foram as duas horas mais longas de sempre”.

Hirtos e sem qualquer ensaio prévio, Sutskever, Murati e os executivos restantes da OpenAI surgiram lado a lado no ecrã, num plenário difundido tanto para os empregados da sede como para os que se achavam em trabalho remoto.

Sutskever estava com um ar grave. Tinha entre os empregados a fama de pensador profundo e de místico, expressando-se geralmente em termos espirituais e com uma sinceridade veemente que, se era cativante para uns, a outros causava desagrado. Era, além disso, muito brincalhão e tinha bom coração. No trabalho, usava *T-shirts* ostentando imagens de animais que ele próprio gostava de pintar — um gatinho, alpacas fofinhas, um dragãozinho a expelir fogo —, assim como rostos abstratos e objetos do cotidiano. Das paredes da sede pendiam algumas das suas obras de pintor amador, incluindo um trio de flores com a forma do logótipo da OpenAI, símbolo daquilo que ele próprio sempre incentivou os trabalhadores a construir: “Uma pluralidade de IAGs que amem a humanidade.”

Na presente ocasião, Sutskever tentou transmitir um sentimento de segurança aos empregados, que, ansiosos, iam disparando rajadas de perguntas através de um documento disponibilizado online. Como mensageiro, porém, Sutskever era imperfeito, não sendo muito eficaz na transmissão de mensagens à sua plateia.

“Houve algum incidente concreto que levasse a esta situação?”<sup>5</sup>, disse Murati em voz alta, dando início à leitura da lista de perguntas formuladas pelos empregados.

“Muitas das perguntas contidas no documento vão incidir sobre pormenores”, respondeu Sutskever. “Exatamente o quê, quando, como, quem. Gostava de poder entrar nos pormenores. Mas não posso.” Quem sentisse curiosidade que lesse o comunicado à imprensa, acrescentou. “Na realidade, ele diz bastante. É lê-lo várias vezes, talvez.”

Os empregados ficaram perplexos com a resposta. A notícia que acabavam de receber era um cataclismo. Sendo eles os mais diretamente afetados pela situação criada, sem dúvida que tinham direito a informação mais pormenorizada do que aquela que fora dada a público.

Murati leu algumas perguntas mais. Qual o impacto de toda aquela situação no relacionamento com a Microsoft? A Microsoft, maior financiador da OpenAI e detentora em exclusivo da licença para as suas tecnologias, era o fornecedor único da sua infraestrutura informática. Sem ela, todo o trabalho da startup — investigar, treinar modelos de IA, lançar produtos — iria ficar paralisado. Murati respondeu que não esperava que houvesse implicações. Tinham acabado de estar ao telefone com Satya Nadella e Kevin Scott, respetivamente CEO e diretor técnico da Microsoft. “Estão todos muito empenhados no nosso trabalho”, afirmou Murati.

E então a oferta de aquisição da OpenAI? Aos empregados com mais antiguidade fora dada a opção de venda das suas participações, num valor que podia ser da ordem dos milhões de dólares. A oferta de aquisição foi tão súbita que muitos estavam a planear comprar imóveis, ou até já o tinham feito. “A oferta de aquisição — hmm, vamos ver”, gaguejou o diretor de operações Brad Lightcap. “Estou em contacto com os investidores que estão à frente da oferta de aquisição e com alguns dos nossos grandes investidores, que já constam da tabela de capitalização. Estão todos comprometidos em dar um apoio firme à empresa.”

Depois de várias respostas vagas a outras tantas perguntas, outro empregado tentou de novo averiguar o que é que Sam tinha feito. O assunto estava relacionado com as funções que ele desempenhava na empresa? Ou tinha a ver com a sua vida privada? Mais uma vez, Sutskever remeteu para o comunicado à imprensa, dizendo: “O facto é que a resposta está lá.”

Murati prosseguiu a leitura do documento. “As perguntas sobre questões de pormenor vão ter resposta ou não?”

Sutskever respondeu: “É melhor baixarem as expectativas.”

Com o avançar da reunião e perante as respostas de Sutskever, cada vez mais descabidas, o incómodo dos empregados rapidamente deu lugar à fúria.

“Quando um grupo de pessoas cresce em conjunto ao atravessar uma experiência difícil, elas acabam muitas vezes por ficar mais unidas e mais próximas umas das outras”, disse Sutskever. “Esta difícil experiência vai tornar-nos ainda mais próximos enquanto equipa e, portanto, mais produtivos.”

Um empregado escreveu: “Como é que se concilia o desejo de crescer juntos enfrentando a crise com uma frustrante falta de transparência?” “Geralmente, a verdade é condição necessária para a reconciliação.”

“Ora bem, está certo”, retrucou Sutskever. “A situação que aqui temos não é perfeita.”

Murati tentou abafar a tensão crescente. “A missão é muito mais importante do que qualquer um de nós”, afirmou.

Lightcap voltou à mensagem que já transmitira: os parceiros, os clientes e os investidores da OpenAI tinham frisado bem que continuavam em sintonia com a missão. “O facto é que acho que é agora ainda maior a obrigação de avançarmos com força na nossa missão.”